

N12/1/A1POR/HP1/POR/TZ0/XX



88120233



International Baccalaureate®  
Baccalauréat International  
Bachillerato Internacional

**PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Tuesday 13 November 2012 (morning)  
Mardi 13 novembre 2012 (matin)  
Martes 13 de noviembre de 2012 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is *[25 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[25 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[25 puntos]*.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Era um sonho muito bonito, todo acontecido em azul; tinha azul pra qualquer gosto, do mais fraquinho ao mais forte.

Eu estava lá mesmo, deitada na praia. E era de madrugada.

Na minha frente tinha uma parede tapando o mar.

5 Vi duas janelas na parede. Me levantei pra ir olhar. Numa estava escrito A TROCA; na outra, A TAREFA. Uma estava fechada; espiei pelo vidro fosco mas não enxerguei nada do outro lado. Bati no vidro, bati, bati com força. Mas só ouvi o barulho do mar.

Fui pra outra janela. Também fechada. E o vidro também: não me deixando ver do outro lado. Bati.

10 - Que é?

Até me espantei de ouvir a voz perguntando.

- Abre – eu respondi. – Eu quero ver do outro lado.

A janela continuou fechada. Mas a voz falou:

- Eu te livro desse amor, desse peso.

15 - O quê?

- Esse amor que você está sofrendo, essa vontade que você está sentindo de morrer: eu te livro disso.

- De que jeito?!

- Quando a história estiver pronta você vai ver.

20 - História? que história?

A voz falou mais baixo:

- Escreve a história dessa dor e eu te livro dela. É uma troca: eu te prometo.

- O quê? fala mais alto, eu quase que só escuto o mar.

- O mar. Lembra da poesia que você escreveu?

25 - Foi tão bom.

Aí a voz se confundiu com o barulho do mar. Eu acordei. A noite já ia virando dia; o céu era meio vermelho e a praia estava muito bonita. Dentro de mim tinha uma curiosidade nascendo: será que eu ia conseguir fazer uma história da dor que eu estava sentindo?

Voltei pró internato.

30 Cada hora de recreio, cada domingo inteiro, cada hora-de-fazer-dever eu escrevia a história da minha vontade de morrer. E fui achando tão difícil de fazer, que, em vez de sentir vontade de morrer, eu só pensava como é que se fazia a história de uma vontade de morrer; em vez de sentir a dor do amor, eu só sentia a força que eu fazia pra contar a dor.

35 Então, quando um dia a história ficou pronta, a vontade de morrer tinha sumido; o amor pelo Omar também: no lugar deles agora só tinha a história deles.

Fiz que nem na poesia: transformei o Omar no mar. Um mar tão bom de olhar. E inventei uma ilha pra botar nele: uma ilha pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, onde o mar chegava a toda a hora. E fui inventando uma porção de coisas pra acontecer na ilha.

40 A história ficou tão grande. Acabou virando um livro. Foi o meu primeiro livro. Se chamou “Do outro lado da ilha”.

(...)

Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história, que eu resolvi que era assim que eu queria viver: transformando. Foi por isso que eu me virei em escritora.

Lygia Bojunga, *Tchau* (adapt.), Brasil (1984)

2.

### Evocação da Aldeia

- Não há tristeza no pequeno burgo.  
 Há casas brancas que a Câmara mandou cair  
 E outras mais sujas por dentro que por fora  
 E em que a Câmara ainda não reparou.
- 5 Há campos à volta com searas fartas  
 E oliveiras nas «arribas<sup>1</sup>» de senhores de gravata  
 Que engordam seus cofres com juro a dez por cento.  
 E um campo grande de debulhas, um campo muito grande,  
 Que o povo teme seja roubado para as aves metálicas do céu.
- 10 Há garotio de pé descalço e jornaleiros de olhos cabisbaixos  
 E vinhedos em promessa e as culpas esperando...  
 Não há tristeza no pequeno burgo.  
 Há sonhos de partida, cartas de chamada que sempre se esperam  
 E nunca mais chegam. Há namoros e zangas
- 15 E uma morena que põe malucos os olhos dos rapazes aos  
 domingos.  
 Não há tristeza no pequeno burgo.  
 Há o salão onde quatro maiorais jogam a sueca  
 Com medo de perder os cinquenta centavos dos «baratos<sup>2</sup>».
- 20 Há bandos de estorninhos nas casas novas da estrada  
 E dinheiro que vem do Brasil e da África, a prestações...  
 Há a dor das horas frias e as sextas esticadas do Estio.  
 Há o trabalho e o suor e o pão e a falta dele.  
 Não há tristeza no pequeno burgo.
- 25 Há luz elétrica e telefone e duas carreiras de camioneta  
 Que trazem a férias os parentes que vivem na cidade.  
 E há um padre que prega o amor entre os irmãos  
 Aos domingos e dias santos, na Missa das onze.  
 Um padre que é poeta e sonha as desventuras do seu povo
- 30 Em versos que o seu povo não conhece.  
 Não há tristeza no pequeno burgo.  
 Há tudo isso e uma igreja de torre separada  
 Com um relógio que em certos dias não dá horas...:  
 - Suspende a vida num silêncio espacial carregado de mistérios!

Vasco Miranda, *A Vida Suspensa*, Portugal (1953)

---

<sup>1</sup> arriba: costa alta e escarpada; margem elevada de rio

<sup>2</sup> barato: dinheiro que o dono da tavolagem retira do bolo ou recebe do banqueiro como interesse que lhe é devido